UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

LÍLIAN DE ARAÚJO ULLMANN

O NARRADOR NA OBRA *AMAR, VERBO INTRANSITIVO*

Canoas, 2007.

LÍLIAN DE ARAÚJO ULLMANN

O NARRADOR NA OBRA *AMAR, VERBO INTRANSITIVO*

Trabalho de conclusão apresentado à banca de Letras do Unilasalle – Centro Universitário La Salle, como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação do Prof. Dr. Cícero Galeno Urroz Lopes.

Canoas, 2007.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre o narrador do romance e como esse narrador se apresenta na obra *Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade. Conceitua e mostra os tipos de narrador, depois mostra o narrador da obra em análise através de excertos relacionando-os com a teoria. A base teórica utilizada esteve centrada principalmente em Osmar Tacca com seu livro *As vozes do romance;* Cândida Vilares Gancho em *Como analisar narrativas* e em Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes com o *Dicionário de narratologia.*

Palavras-chave**:** narrador, romance, teoria.

RESUMEN

El presente trabajo es un estudio sobre el narrador de la novela y como ese narrador se presenta en la obra *Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade. Conceptua y muestra los tipos de narrador, después muestra el narrador de la obra en análisis a través de fragmentos relacionados con la teoría. La base teórica utilizada estubo centrada principalmente en Osmar Tacca con su libro *As vozes do romance;* Cândida Vilares Gancho en *Como analisar narrativas* y en Carlos Reis y Ana Cristina M Lopes con el *Dicionário de narratologia.*

Palabras clave**:** narrador, novela, teoría.

Agradeço o auxílio competente do meu professor orientador Cícero Galeno Lopes, pelo carinho e paciência com que sempre me acolheu e pela sua sabedoria.
Agradeço a todos os professores que sempre demonstraram acreditar na minha capacidade, em especial à professora Laura Mansur e ao professor Iván Bambarén.

Aos meus pais, por me fazerem chegar até aqui.
Ao meu grande amor, Eduardo Christofoli, pelo carinho e estímulo.
Aos meus sobrinhos, pela alegria que me dão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....07

2 Embasamento teórico sobre o narrador.....08

3 O narrador na obra *Amar, verbo intransitivo*.....13

4 CONCLUSÃO.....18

REFERÊNCIAS.....20

OBRAS CONSULTADAS.....21

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, baseado na leitura da obra *Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade, tem como principal objetivo o estudo sobre o narrador do romance, por ser ele o enunciador do discurso, o sujeito do relato. Para isso, pretendo enfocar o narrador, conceituando-o, colocando seus tipos e sua perspectiva dentro da obra. Escolhi esse tema, pois acredito que o narrador do romance possui um papel de suma importância e que reconhecê-lo na obra *Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade é bem interessante. Escolhi analisar o narrador dessa obra por dois motivos. Primeiramente pelo enredo da obra; em segundo lugar, para aprofundar meus estudos sobre narrador. Pretendo, através deste trabalho, ampliar assim meus conhecimentos a respeito do narrador.

A obra a ser analisada é um romance da primeira fase do Modernismo, com primeira edição em 1927. É uma narrativa que conta uma história de amor entre uma imigrante alemã chamada Elza e um jovem da sociedade burguesa em São Paulo, nos primeiros anos do primeiro pós-guerra.

No decorrer do trabalho buscarei conceituar o narrador, mostrando também os seus tipos e como o narrador se mostra em *Amar, verbo intransitivo.* No primeiro capítulo apresentarei um embasamento teórico sobre o narrador. No segundo capítulo mostrarei o narrador na obra *Amar, verbo intransitivo*.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO SOBRE O NARRADOR

O narrador do romance é uma entidade de ficção, uma criação do autor, portanto só existe no texto. Para Reuter (1996, p. 38), o narrador é aquele que parece contar a história no interior do livro, mas que só existe em palavras no texto.

Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* temos a seguinte definição para narrador:

> Narrador: entidade fictícia que, numa narrativa, possui a função de enunciar o discurso, sendo o protagonista da comunicação narrativa [a princípio o narrador pode assumir também o lugar de uma personagem, narrando os fatos em primeira pessoa, ou manter-se fora do enunciado, narrando os acontecimentos em terceira pessoa].

Podemos citar ainda outra definição de narrador que encontramos no *Dicionário de narratologia*, de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, conforme a citação a seguir:

> A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor, não raro susceptível de ser confundido com aquele, mas realmente dotado de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa.

O narrador é o elo existente entre o autor e a história narrada, entre o enunciado e o leitor. É ele o ponto organizador entre os demais elementos que compõem uma narrativa.

Para Tacca (1983, p.64) aquele que conta (aquele que traz informação sobre a história que se narra) é sempre o narrador. De acordo com Tacca (1983, p. 65), a voz do narrador constitui a única realidade do relato. É o eixo do romance. Podemos não ouvir em absoluto a voz do autor nem as dos personagens, mas sem narrador não há romance. Sua principal função é contar.

O narrador é o elemento do romance que tem a função de informar o leitor sobre um tema, uma suposta verdade, uma visão de mundo. Segundo Schüler (1989, p.27), o narrador não fala, escreve. O texto sai da solidão dele para a solidão dos leitores.

Há um tipo adequado de narrador para cada obra. A perspectiva ou a posição do narrador é classificada basicamente em dois tipos como será visto a seguir.

Em relação aos tipos de narrador, conforme Gancho (1998, p. 27), podemos ter os seguintes tipos de narrador: o narrador em primeira pessoa e o narrador em terceira pessoa. Dentro de cada um desses tipos de narrador existem particularidades que serão mostradas abaixo.

O narrador em terceira pessoa é o narrador que está fora dos acontecimentos narrados, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial. O narrador em terceira pessoa é conhecido também pelo nome de narrador observador, e suas principais características são a onisciência e a onipresença. Na onisciência o narrador sabe tudo sobre a história; e na onipresença o narrador está presente em todos os lugares da história.

Ainda segundo Gancho (1998, p.28) o narrador em terceira pessoa pode apresentar duas variantes. A primeira variante do narrador em terceira pessoa é o narrador intruso que fala com o leitor ou julga diretamente o comportamento dos personagens. A segunda variante é o narrador parcial, que, por sua vez, se identifica com determinado personagem da história e, mesmo não o defendendo explicitamente, permite que ele tenha mais espaço e maior destaque na história.

O narrador em primeira pessoa ou narrador-personagem é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto tem seu campo de visão limitado, isto é, não é onipresente, nem onisciente. No entanto, dependendo do personagem que narra a história, podemos ter algumas variantes do narrador-personagem.

Para Gancho (1998, p.28) o narrador em primeira pessoa pode variar como narrador-testemunha, que é aquele que não é personagem principal, mas narra acontecimentos dos quais participou, ainda que sem grande destaque; e pode variar como sendo narrador-protagonista. O narrador-protagonista é o narrador que é também o personagem central.

Schüler (1989, p.26) afirma que, quanto à voz, o narrador pode eleger a primeira ou a terceira pessoa; quanto à perspectiva, o narrador pode penetrar na psique das personagens ou restringir-se a observar fisionomias, gestos, acompanhar os acontecimentos no seu efeito exterior. Mediante a perspectiva, segundo Schüler (1989, p.34), o narrador escolhe o ângulo de observação, distancia-se e aproxima-se do objeto.

Tacca (1983, p.62) diz que a perspectiva da narração assume dois modos fundamentais. Na primeira perspectiva, o narrador está fora dos acontecimentos narrados e refere-se aos fatos sem nenhuma alusão a si mesmo. É o relato em terceira pessoa. Na segunda perspectiva, o narrador participa dos acontecimentos narrados. Essa participação pode assumir um papel protagônico; um papel secundário; ou um papel de mero testemunho presencial dos fatos. É o relato em primeira pessoa.

Segundo Tacca (1983, p.62), o narrador em terceira pessoa tem um relato onisciente, salvo se o narrador adota a ótica ou a consciência de um personagem, mantendo naturalmente seu relato em relato em terceira pessoa. Esse relato onisciente é feito por um narrador que está fora da história e que sabe de tudo, penetra em todos os lugares. É considerado o narrador tradicional do romance. Já o narrador em primeira pessoa fala através de um personagem e restringe-se à subjetividade desse personagem renunciando à onisciência.

Ainda em relação ao relato em terceira pessoa, temos a teoria de Leite (1993, p.32) que diz que o narrador em terceira pessoa pode ser um narrador onisciente ou também chamado narrador onisciente neutro. Nesse caso a caracterização dos personagens é feita pelo narrador que as descreve e as explicita para o leitor.

Conforme Leite (1993, p. 32) podemos ter ainda o narrador onisciente intruso que tem a liberdade de narrar à vontade. Sua principal característica é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, a moral, podendo ou não estar entrosados na história narrada.

Segundo Reis e Lopes (2000, p.258), as funções do narrador não se esgotam no ato de enunciação que lhe é atribuído, pois o narrador é detentor de uma voz, que revela uma determinada instância de enunciação do discurso, a qual é traduzida de acordo com os tipos de narrador. Esses autores nos apresentam três tipos de narrador: o narrador autodiegético, o narrador heterodiegético e o narrador homodiegético.

O narrador autodiegético refere-se ao narrador que relata suas experiências como personagem principal da história. A narrativa ocorre em primeira pessoa pelo fato de o narrador ser o protagonista da história.

O narrador heterodiegético é aquele que relata uma história à qual é estranho, uma vez que não integra, nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão. Esse narrador tem um conhecimento amplo e com isso manipula o tempo. Geralmente se exprime em terceira pessoa. O narrador homodiegético *é a* entidade que veicula informações advindas da sua própria experiência diegética, pois, tendo vivido a história como personagem, o narrador retira daí as informações necessárias para construir o seu relato.

Ainda segundo Reis e Lopes (2000, p.265), mesmo que o narrador homodiegético se assemelhe ao narrador autodiegético, aquele difere desse por ter participado na história não como protagonista, mas como personagem secundária ligada com a central.

Para Fernandes (1996, p. 138), o narrador em primeira pessoa olha os outros personagens de um mesmo nível de observação. O narrador em terceira pessoa faz a observação dos personagens de cima. O narrador em primeira pessoa fala para

um ouvinte. Ele necessita diferenciar-se como narrador. O narrador em terceira pessoa não quer parecer um narrador, ele quer diluir-se na narração e nela não ser percebido.

Segundo Kayser (1985, p. 213), nas narrativas apresentadas por um narrador fictício, o narrador conta os fatos como se os tivesse vivido. A essa forma de narração dá-se o nome de narração em primeira pessoa (narração subjetiva). O seu oposto é a narração em terceira pessoa (narração objetiva), na qual o autor fica fora dos planos narrados.

Ainda segundo Kayser (1985, p. 214), a técnica narrativa adotada pelo romance assemelha-se muito às técnicas do narrador da épica, pois ambos possuem características em comum. Uma dessas características é quanto à atitude narrativa, que diz respeito à relação do narrador com o seu público.

O fato do narrador se aproximar do leitor pode dar a sensação de que esse leitor esteja diante de um ser real, que lhe expõe diretamente seus pensamentos, mas na verdade esse narrador é ficcional. Ele se relaciona com os demais personagens através da linguagem, do tempo e do ambiente.

Enfim, podemos concluir que o narrador do romance é um elemento ficcional, que tem por função contar, enunciar um discurso. Podemos concluir também que o narrador pode ser em primeira pessoa, que participa dos fatos narrados e está dentro deles, ou em terceira pessoa, que está fora dos fatos narrados.

3 O NARRADOR NA OBRA *AMAR, VERBO INTRANSITIVO*

Conforme as teorias estudadas no capítulo anterior, sabemos que todo narrador de romance é ficcional. A ele cabe o papel de narrar, ou seja, contar a história.

O narrador pode ser classificado em dois tipos. Ele pode escolher a primeira ou a terceira pessoa para contar a história. O narrador em terceira pessoa é aquele que narra os acontecimentos estando fora deles, possui um nível amplo de observação. É ele quem explicita os seus personagens.

No romance *Amar, verbo intransitivo*, o autor escolheu o narrador em terceira pessoa, como podemos observar no trecho a seguir:

> De repente Carlos começou a estudar o alemão. Em quinze dias fez um progresso danado. Quis propor mesmo um aumento de horas de estudo, porém, não sabendo bem por quê, não propôs. Lhe interessava tudo que era alemão, comprava revistas de Munique. Andava com elas na rua e depois vinha depressa entregá-las a Fräulein. Soube de cor a população da Alemanha, aspecto geral e clima (ANDRADE, 1983, p. 25).

Como foi visto no capítulo anterior, o narrador de terceira pessoa é quem explicita as características do personagem, como podemos ver na citação a seguir em que o narrador nos mostra o perfil de Fräulein.

> Fräulein não é bonita não. Porém traços muito regulares coloridos de cor real [...]. Não se pinta, quase nem usa pó-de-arroz. A pele se estica, discretamente polida com os arrancos da carne sã. Resiste a pele, o sangue se alastra pelo interior de Fräulein toda se roseia agradavelmente. O que mais me atrai nela são os beiços, curtos, bastante largos, sempre encarnados. [...]. Olhos castanhos, pouco fundos. [...] que cabelos mudáveis! Ora louros, ora sombrios, dum pardo em fogo interior (ANDRADE, 1983, p. 20).

Na citação acima a caracterização dos personagens é feita pelo narrador que as descreve e explicita para o leitor. O mesmo ocorre na citação a seguir, em que o narrador narra as características físicas de Souza Costa e Dona Laura.

> Souza Costa usava bigodes onde a brilhantina indiscreta suava negrores nítidos. Aliás todo ele era um cuitê de brilhantinas simbólicas [...]. Não esquecia nunca o cheiro do lenço. [...] Dona Laura usava penteadores e vestidos de seda muito largos. Apenas um gesto e aqueles panos e rendas e vitrilhos despencavam pra uma banda [...]. Meia [sic] mal-acabada. Era maior que o marido (ANDRADE, 1983, p. 15).

O narrador penetra na psique dos personagens e observa fisionomias, gestos, acompanha os acontecimentos no seu efeito exterior. No trecho a seguir é narrada as atitudes de Carlos e seu temperamento. Mostra também Fraülein com suas características físicas.

> Abriu a luz da janela. Olhava pra fora, raivoso, enterrando virilmente as mãos nos bolsos do pijama, incapaz de sair daquela sala. Fräulein não compreendia. Estava bela. Corada. Os cabelos eriçados, metálicos. Doía nela o desejo daquele ingênuo, amou-o no momento com delírio. Revelação! (ANDRADE, 1983, p. 63).

No decorrer desta narrativa podemos identificar um narrador onisciente intruso, que, além de saber tudo o que acontece, julga o comportamento de seus personagens fazendo comentários sobre eles ao leitor.

> Fräulein esperou um segundo. Nada tinham para lhe falar aqueles dois. Cumprimentou e saiu. Subiu pro quarto. Fechou-se. Tirou o casaco. O pensamento forte imobilizou -a. Comprimiu o seio com a mão, ao mesmo tempo que amarfanhava-lhe a cara uma dor vigorosa, incompreendida assim! Mas foi um minuto apenas [...] tinha que dormir, dormiu. Aquilo de Fräulein falar que “hoje a filosofia invadiu o terreno do amor” e mais duas ou três largadas que escaparam na fala dela, só vai servir pra dizerem que o meu personagem está mal construído e não concorda consigo mesmo. [...]. Primeiro: Que mentira, meu Deus! Dizerem Fräulein personagem por mim inventado e por mim construído! Não construí coisa nenhuma. [...] Um dia, era uma quarta-feira, Fräulein apareceu diante de mim e se contou (ANDRADE, 1983, p. 48-49).

No trecho citado acima é possível observar, também, que a linguagem adotada pelo narrador poderia ser considerada linguagem coloquial, isto é, fora dos padrões da gramática normativa tradicional, que regulamenta o denominado padrão culto,

com vocabulário acessível. Isso também diz respeito à atitude narrativa adotada pelo narrador.

A onisciência do narrador significa que, no plano do enredo, ele conhece tudo de seus personagens e do enredo. Isso faz com que ele exprima sempre uma visão global da história.

> E quem diria que Souza Costa não era bom marido? Era sim. Fora tão nu de preconceitos até casar sem pôr reparo nas ondas suspeitas dos cabelos da noiva. E bem me lembro que ficaram noivos em tempo de calarão. Dona Laura retribuía a confiança do marido, esquecendo por sua vez que bigodes abastosos e brilhantinados são suspeitos também (ANDRADE, 1983, p. 16).

O narrador intruso tem a liberdade de narrar à vontade. Sua principal característica é a intrusão, ou seja, seus comentário sobre a vida, os costumes, a moral, que podem ou não estarem entrosados na história narrada. Na citação a seguir, temos um exemplo de intrusão em que os comentários estão ligados ao enredo da história.

> Ela repetia sempre “Carlos”, era a sensualidade dela. Talvez de todos. Se você ama, ou por outra deseja amor, pronuncie baixinho o nome desejado [...]. Esse ou essa que você ama se torna assim maior, mais poderoso. E se apodera de você. Homens, mulheres, fortes, fracos (ANDRADE, 1983, p. 41).

O narrador intruso de *Amar, verbo intransitivo* não só invade a mente dos personagens, como também manifesta seus próprios pensamentos e opiniões.

> Qual! Fräulein não podia se sentir a gosto com aquela gente! Podia porque era bem alemã. Tinha esse poder de adaptação exterior dos alemães, que é mesmo a maior razão do progresso deles (ANDRADE, 1983, p. 22).

O narrador está desperto para os sentimentos e a complexidade do mundo interno de cada personagem. Conhece bastante e empenha-se em ressaltar na obra a presença do expressionismo alemão, como podemos ver na citação a seguir:

> Outro dia Fräulein voltou duma dessas reuniões na casa da amiga, com um maço de revistas e alguns livros. [...] Fräulein quase nada sabia do Expressionismo nem de modernistas. Lia Goethe, sempre

> Schiller e os poemas de Wagner [...]. Preferia Nietzsche, mas um pouquinho só, era maluco, diziam. Em todo o caso Fräulein acreditava em Nietzsche (ANDRADE, 1983, p. 37-38).

Em *Amar, verbo intransitivo*, o narrador escolhe o ângulo de observação, distancia-se e aproxima-se do objeto. Segundo Schüller (1989, p. 15), este narrador revelou uma pretensão realista de reproduzir no texto a realidade objetiva, não deformada pela visão do narrador. Apresenta assim um narrar cinematográfico, em que o narrador move o foco narrativo como se fosse uma câmera, aproximando-se e distanciando-se da cena.

> Duas horas da manhã. Vejo esta cena. No leito grande, entre linhos bordados dormem marido e mulher. As brisas nobres de Higianópolis entram pelas venezianas, servilmente aplacando os calorões de verão. Dona Laura, livre do colo das colchas, ressona boca aberta, apoiando-se no braço erguido [...]. Concavamente recurvada a esposa toda se apóia no esposo dos pés ao braço erguido. Souza Costa se aninha na concavidade feita pelo corpo da mulher e ronca (ANDRADE, 1983, p. 55).

No trecho acima podemos verificar que o narrador de *Amar, verbo intransitivo* possui um caráter inovador, pois adota no romance técnicas de narrativa cinematográfica, mas, mesmo assim, utiliza-se da onisciência e onipresença típicas do narrador tradicional do romance, conforme os autores estudados na seção anterior.

O narrador de *Amar, verbo intransitivo* faz uso dessa inovação, acompanhando o movimento de seus personagens, dando enfoque em seus movimentos e atitudes e fazendo cortes. O romance incorpora assim uma técnica narrativa própria do cinema.

> Fräulein botara os braços cruzados no parapeito de pedra, fincara o mento aí, nas carnes rijas. E se perdia. Os olhos dela pouco a pouco se fecharam, cega duma vez. A razão pouco a pouco escampou. Desapareceu por fim, escorraçada pela vida excessiva dos sentidos. Das partes profundas do ser lhe vinham apelos vagos e decretos fracionados. Se misturavam animalidade e invenções geniais. E o orgasmo. Adquiria enfim uma alma vegetal. E assim perdida, assim vibrando, as narinas se alastraram, os lábios se partiram, contrações, rugas, esgar, numa expressão dolorosa de gozo, ficou feia (ANDRADE, 1983, p. 107).

Na citação a seguir, temos mais um exemplo do narrador de *Amar, verbo intransitivo*, que, como podemos ver, é um narrador que observa tudo e mostra ter amplo conhecimento de seus personagens.

> Exausta, meia [sic] triste, ela olhava sem reparar a carreira das campinas. Estação de São Bernardo? Pensava. Quase sofria. Carlos. Era muito sincero, corajoso. Ora! E a raiva contra todos os homens quase que fez ela se rir, prevendo o desastre. Afastou com energia o ódio inútil. Se protegeu contra a imaginação, pensando no dinheiro. Assegurou-se de que a maleta estava ali, estava. Oito contos. Mais dois ou três serviços e descansava [...]. Carlos... que alma bonita, um homem [...]. Talvez o amasse? Fräulein murmurou severamente um "não", quase que os outros escutaram. Sorriu. Muito natural: era um bom menino, e não pensemos mais nisso [...]. E o idílio de Fräulein realmente acaba aqui. O idílio dos dois. O livro está acabado (ANDRADE, 1983, p.132).

O trecho acima citado nos mostra, segundo a teoria estudada na seção anterior, que esse narrador é heterodiegético, pois relata uma história à qual é estranho e que não integrou, como personagem, o universo diegético em questão.

Como se pode constatar (e espero ter conseguido demonstrar), o narrador da obra *Amar, verbo intransitivo* é um narrador em terceira pessoa e onisciente, pois está fora dos acontecimentos narrados; sabe de tudo o que está acontecendo; é intruso, pois invade a mente dos personagens e manifesta seus próprios pensamentos e opiniões; e é heterodiegético, pois tem amplo conhecimento de seus personagens; penetra em todos os lugares em que a narrativa se desenvolve e tem a liberdade de narrar à vontade, podendo adotar diversos ângulos e fazendo comentários com o leitor.

4 CONCLUSÃO

Esta monografia de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC2) teve por finalidade expor a definição de narrador e seus tipos através de diversas obras de renomados teóricos da literatura. Após o embasamento teórico, foi realizada uma análise do narrador do romance na obra *Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade, da qual foram utilizados fragmentos da obra com o objetivo de identificar o tipo de narrador nela contido.

Após o término deste trabalho podemos concluir que narrador do romance é um elemento ficcional, que tem por função contar, enunciar um discurso.

Podemos concluir também que o narrador pode ser em primeira pessoa, que participa e está dentro dos fatos narrados, ou em terceira pessoa, que está fora dos fatos narrados. Cada um deles possui particularidades.

Partindo do que foi dito anteriormente, foram levantadas duas hipóteses a respeito do narrador da obra: ou o narrador está em primeira pessoa; ou o narrador está em terceira pessoa.

Com base no segundo capítulo, podemos concluir que o narrador da obra *Amar, verbo intransitivo* é um narrador em terceira pessoa. É também um narrador onisciente, pois está fora dos acontecimentos narrados; sabe de tudo o que está acontecendo; é intruso, pois invade a mente dos personagens e manifesta seus próprios pensamentos e opiniões; e é heterodiegético, pois tem amplo conhecimento de seus personagens; penetra em todos os lugares em que a narrativa se desenvolve e tem a liberdade de narrar à vontade, podendo adotar diversos ângulos e fazendo comentários com o leitor que podem ou não estar entrosados na história.

Enfim, lê-se em *Amar, verbo intransitivo* um narrador com características que possibilitam enfrentá-lo como um narrador em terceira pessoa, onisciente, intruso e heterodiegético.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

GANCHO, Cândido Vilares. *Como analisar narrativas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

REUTER, Ives. *Introdução à análise do romance*. Traduzido por A. Bergamini, M. Arruda, N. Sette et al. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2000.

SCHÜLER, Donaldo. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.

TACCA, Osmar. *As vozes do romance*. Coimbra: Almedina,1983.

OBRAS CONSULTADAS

AUERBACH, Erich. *Mimeses; a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George Bernard Spenber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CEIA, Carlos (org.). *Dicionário de termos literários*. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/edtl>. Acesso em 16/04/07.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. v. 5. São Paulo: Cultrix, 1989.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: GB, 1969.

SILVA, Vítor M. de Aguiar. *A estrutura do romance*. 3. ed. Coimbra: Almedina, 1974.